

DIÁLOGO

TÍTULO: Diálogo

AUTOR: Henrique Abranches

Capa: Henrique Abranches

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1962

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 495/14

Apoios Institucionais:



COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

HENRIQUE ABRANCHES

diálogo

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
LISBOA

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

SÉRIE LITERATURA

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
- N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância* de António Cardoso
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras* de Costa Andrade
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
- N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)
- N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)
- N.º 10 — *Poesia* de Alexandre Dáskalos (1961)
- N.º 11 — *Poesia Angolana*, de Tomaz Vieira da Cruz
- N.º 12 — *Diálogo*, de Henrique Abranches

SÉRIE ETNOGRAFIA

- N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano*, (subsídio) de Gonzaga Lambo

DIÁLOGO NO TEMPO MORTO

— Tudo seco! Uma poeirada medonha... tudo absolutamente seco, até mesmo a nossa pele velha e encortiçada. Olha as moças, olha-as, como fazem tristeza. Tudo é seca, este ano, como pode medrar o milho?

— Este ano não haverá milho algum.

— Eu sei, eu sei, não haverá milho nem massambala, nem massango, a mandioca morrerá também, e até mesmo o sorgo...

— As lavras este ano estão como as nossas velhas companheiras: tristes e enrodilhadas, em torrões secos... e é como se tivessem também os seios caídos. É uma pena...

— Uma grande pena, sim senhor, e não é só o mantimento que faltará.

— Sim, não é só o mantimento...

— Há quanto tempo não bebes «makau», um makauzinho bem fermentado? Pois continuarás sem o beber todo este ano. Corre o Janeiro, agora, mas é como se fosse o seu irmão «Mbala vipembe», o Agosto, só que muito mais quente e muito mais ventoso. Onde andará a chuva de Kalunga?

— «Makau?»... Há quanto tempo, meu Deus... E a «mbulunga»? A «mbulunga» branquinha que refresca

a garganta e não sobe à cabeça? Também não haverá «mbulunga» este ano...

— Não haverá, não. E também faltarão os casamentos dos rapazes. As moças estão apáticas e paradas como o calor estúpido de agora. Olha-as além! Não fazem o menor barulho. Só se ouve o besoiro verde. Elas sabem que os rapazes se foram, cantando a sua saudade. Eles foram-se, não se sabe bem para onde, nem quando voltarão. Estava tudo parado e os rapazes foram-se...

— Os rapazes não gostam de ficar parados.

— É verdade. Eles são as mais belas criaturas de Kalunga. Quando estão aqui são a nossa alegria, sem dúvida. Não podem parar: quando não jogam trabalham, quando não trabalham dançam, ali no terreiro, dançam o «Kandova» toda a noite, bom, e quando não dançam nem estão ao alcance da nossa vista, então é porque estão a namorar. Ah! Como eles são belas criaturas, os rapazes! Por que se foram, meu Deus?

— Só nós, os velhos, gostamos de ficar parados, principalmente quando as lavras florescem. Sem dúvida que é uma coisa boa, ficar sentado sob o beiral da casa, a fumar uma digna cachimbada, e a olhar as coisas que se movem freneticamente à nossa volta. Sim, fomos nós que criámos essas coisas, por isso que gostamos de as olhar entre duas cachimbadas. Agora resta-nos a vaidade disso.

— Este ano também faltará o tabaco torrado e rolado nas nossas bocetas. Como poderemos satisfazer o requinte de cheirar? Mas ainda vai ser pior para as velhas. Elas sofrerão a valer, este ano de seca.

— Sim, certamente. Talvez as velhas não cheguem ao fim do ano. Morrerão no Cacimbo, com os ossos roídos, e apesar disso não haverá grandes batuques e cantos de saudade. Toda a gente guardará o seu desgosto dentro do

coração, de uma forma talvez um pouco apagada. A seca transforma o desgosto em desalento, a tristeza em abandono. O desgosto, afinal, é uma força grande embora triste; é ele que faz o grande batuque do óbito. Mas o desalento é uma coisa parada e contemplativa.

— Só talvez os velhos como nós se regozijem um pouco por não ser ainda a vez deles...

— Hm-hm! Teremos pouco tempo de regozijo. Morreremos com as primeiras chuvas do ano que vem.

— Isso não! As chuvas são uma dádiva de Kalunga, ninguém morre com as chuvas!

— Penso que em cada nova chuvada morrem as coisas que pertencem ao passado.

— Não te compreendo, irmão, nunca vi as chuvas, as primeiras chuvas, fazerem mais do que abrir os cálices das florzinhas vermelhas, que nascem sob os *mutiatis* da mata, e plantarem o saboroso tortulho nos morros de salalé e ainda, na chana, novos tufo de capim tenrinho para o dente dos bois.

— Nós os velhos, morreremos com as primeiras chuvas, insisto. Todos os anos é preciso limpar a vida, podá-la dos ramos irremediavelmente secos.

— Oh! Quase me ofendes! Nós não somos irremediavelmente secos!

— Somos sim, somos exactamente como os bois velhos da manada, como as folhas outonais da grande mulemba. Com as primeiras chuvas, caem as últimas folhas, para dar lugar ao «Pondjovo», o tempo das folhas novas. Com as primeiras chuvas morrem os bois velhos — como se elas os abatessem com o seu peso inesperado — e ouvem-se os mugidos dos novos vitelinhos. A vida é feita de renovação, não é verdade?

— Dir-se-ia que tens razão, no entanto não se trata de renovação. Na vida, no mundo, nas criaturas, em tudo e em

toda a parte, desde «Feti», o primeiro homem, há duas forças em luta e são elas que causam todas as acções: uma é a força que mata, e é também a força do lado direito e é ainda a força dos falsos ardis, possuída pelas más criaturas de Kalunga; a outra é a força que faz nascer, é como que uma força do lado esquerdo, possuída no amor dos jovens, na habilidade dos artistas e na fertilidade da mão das mulheres.

— Convenho que é muito belo falar assim das coisas da vida, e tu tens razão, mas sem dúvida, a tua razão não está bem nas palavras que dizes, mas sim no tom da tua voz. É isso mesmo: a tua verdade está dentro da tua cabeça ou do teu coração.

— Não, não. Não é apenas um falar estouvado como o de uma criancinha!

— Kalunga! Eu não disse isso! Disse que tu falaste com uma linguagem interior.

— Bom, seja então. É sempre uma maneira de falar. Supõe que somos ambos dois jovens na força da idade e que encontramos uma moça. Supõe também que tu a achas muito bonita, ao passo que eu afirmo que ela não é bonita. Qual de nós tem razão?

— Sim, é quase a mesma coisa. Mas o que eu queria dizer é que os homens velhos se parecem com os bois velhos. Para que servem ambos? Para morrer em paz e dar lugar aos novos.

— Dar lugar aos novos? Não me parece exacto. Há muito lugar para os novos e ninguém cobiça o lugar dos velhos. Nós servimos para observar a garridice, os caprichos e as tolices da mocidade. Nós somos o tributo que os jovens pagam à vida, à fatalidade com que Kalunga a revestiu. O que seria dos moços sem a nossa sabedoria e a nossa experiência?

— Tomo as tuas palavras: a nossa sabedoria é feita de verdades interiores. A nossa experiência é bastante inútil porque toda a gente tem de fazer exactamente as mesmas experiências apesar do que nós advertimos. Meu pai, o meu finado pai, não desposou ele a velha Baku que o traiu dez vezes? E eu, não desposi Mutango, filha da mulher de meu pai que me traiu cinco vezes? Os velhos são uma coisa inútil e ultrapassada. É por isso que são eles que morrem. Kalunga dá a morte aos que já não prestam. Nós, velhos, somos um fardo pesado. Olha o céu de hoje, olha-o: sem uma nuvenzinha, como que envelhecido. Ele já não é capaz de fazer nada. Tudo o que é velho e incapaz é um fardo pesado. Nós somos velhos...

— Ah! Quando a chuva cai corajosamente nas minhas lavras empapando a terra, escorrendo audaciosa pelo colmo das minhas cubatas, enlameando os caminhos de lama vermelha que pinta de encarnado os pés das criaturas, ensopando a pele esticadinha das jovens e pondo-lhes um brilho semelhante ao da manteiga que usam as mulheres de além-Cunene, encharcando as covas ressequidas e pondo as grandes rãs a coaxar interminavelmente; quando o boi macho da minha manada muge, de cabeça erguida, enquanto as vaquinhas trincam o capim ainda verde sob a pressão amável da chuva, ah! Então eu esqueço-me que sou apenas um velho!

— Seria mais belo se tivesses dito o mesmo cantando...

— Oh!

— Rir não ofende, mano, é uma coisa agradável. Falaste como o melhor cantor, falaste como o grande soba dos Ovakwatjindi, os cantores. Foi por isso que eu ri, amigo. Mas enfim, falaste coisas muito belas, embora naquela mesma linguagem interior. O que é certo é que eu posso em alguns momentos, sentir como tu. Mas os meus ossos doem-me logo em seguida.

— Pois sim, será tão fraca a tua mente que dê maior importância às dores do corpo do que às belezas construídas pela chuva? Quando ela cai, no início de Setembro, eu julgo-me igual a um pé de milho furando a superfície da terra e jurando pela sua circuncisão: «De amarelo só terei a minha cabeça, embora me cresçam as barbas!»

— Sim, isso é engraçado, é quase uma adivinha, mas tem duas respostas.

— Como assim?

— Ora vejamos: Se eu perguntar a um rapaz: «responde: de amarelo só terei a minha cabeça embora me cresçam as barbas!», sem dúvida ele dirá: «é o milho». Mas se eu fizer a mesma pergunta à mãe do rapaz, ela responderá: «é o meu filho».

— Quase entendo mas ainda não completamente.

— Essa promessa tão forte, tão arrogante, não é exactamente o tipo de promessas que os jovens costumam fazer? Eles são pródigos em prometer o que depois não podem cumprir. Olha as tuas lavras hoje. O pé de milho tem a altura de uma nema e apesar disso, todo ele é amarelo. As barbas não lhe nascerão porque nem sequer terá cabeça e todo o seu corpinho está amarelo e cansado. Pobre milho, um fiasco! É como uma coisa que não teve vontade suficiente para se realizar. É como o amor, às vezes. Quando a vontade é curta, ele acaba antes do seu começo.

— Creio que essa é também uma verdade interior do teu coração, mas apenas do teu coração. É claro que a culpa não é do pé de milho. A chuva não caiu, este ano nem uma gota —. Como pode ele crescer? Poderá ser circuncidado aquele a quem o prepúcio não nasceu?

— Mas tudo são criaturas de Kalunga: a chuva, o milho, a terra e até o prepúcio... falar de um é o mesmo que falar dos outros.

- Nesse caso, a culpa é de Kalunga.
- Sim, a culpa é de Kalunga.
- Quando eu era um mocinho estúpido e de olhos fechados, o meu mais-velho disse-me que Kalunga tem as suas lavras e às vezes puxa a chuva toda para elas. É então que há uma grande seca na terra.
- Pode ser isso...
- Pode ser, mas isso não é correcto, penso eu...
- De facto não é correcto.
- Não deve ser verdade...
- Era uma verdade interior do coração do teu mais-velho. Apenas isso...
- Sim, deve ser apenas isso...

Julho de 1961



DIÁLOGO EM TORNO DA FOGUEIRA

— Ó nosso avô, ó mais velho da nossa aldeia, aqui estamos todos para ouvir a tua voz. Conta-nos uma história, uma ainda mais bela do que a de ontem. Faz-nos passar as aliciantes aventuras de Kahondjo, os perigos tremendos que correu Nambalissita, os estratagemas de Ndala Kalihanga, o que enganou o monstro. Oh! como são grandiosas as tuas histórias, avô! Que bom que sejas tu um velho da nossa aldeia!

— Não, meus meninos, o avô está cansado hoje, muito cansado. Cada dia que passa, conforme faz aumentar a força dos netos faz perigar a vida do avô. Por isso hoje estou cansado para imaginar essas tremendas aventuras que às vezes vos conto.

— Avô, avôzinho, os teus netos não querem ir dormir ainda. Falta-lhes a coragem das tuas palavras. Nós sabemos como foste um grande guerreiro, e como trucidavas de um só golpe de adaga, uma centena de inimigos da outra tribo. Nós sabemos isso, mas como podemos imitar-te, se tu não nos revelas os teus segredos? Vê, avô, os adultos estão deitados porque desejam erguer-se de madrugada para irem ao trabalho, as mulheres cabeceiam e querem apenas que as deixem descansar, os mais velhos não aguentaram o adiantado da hora, e os jovens adolescentes estão entretidos na

dança do Kambangula. Ninguém quer saber da ciência nobre que tu guardas no côncavo do cérebro. Só nós, NÓS, os miúdos da aldeia, estamos em torno de ti ansiosos por nos encontrarmos nas tuas belas histórias.

— Não, não, meninos, o avô está cansado. Hoje não contarei nenhuma história. Hoje quero apenas ver-vos, aí à minha frente, pôr os meus olhos em cima dos vossos belos e esperançosos corpos. Tu, Tchiribonda, meu neto mais velho, tu, Katumbo, minha neta mais gentil, dai-vos as mãos à minha frente, sentai-vos no chão, as nádegas bem tapadas, com toda a elegância. Tu, Tchombe, meu netinho mais habilidoso, empunha o arco de música. Vamos, toca uma boa toada, monótona mas corrida, que seja como um murmúrio da floresta, boa para o «Hole». Sim, vamos jogar o «Hole».

— Como é o «Hole»? Nenhum de nós conhece o «Hole».

— É o jogo do sossego, é o jogo da cortesia. É também o jogo que pode jogar-se em torno da fogueira. Enfim, é o jogo dos rapazes dignos e de fino gosto. É o vosso jogo, portanto.

— Como é o «Hole» afinal? Nenhum de nós o conhece. Como será esse estranho jogo que nos classifica de forma tão importante?

— Tu, minha netinha Nangombe, irás adivinhar ao som da toada de Tchombe. Caminharás com o corpo bem direito, como o duma nobre senhora, deixarás bailar um pouco só as tuas anquinhas ainda mal nascidas e é preciso que ponhas nisso toda a tua graça. Levarás estendido o braço como quem deseje fazer um bom feitiço sobre as lavras ressequidas. Levarás erguida a cabeça tal como faz a palanca quando fareja. Terás o ouvido aguçado como Kahondjo, aquele caçador da lenda...

— Oh! Sim! Sim! Que coisa magnífica! E depois?
E depois?

— Tchombe, tu serás como o vento malicioso que ora vem da Porta do Ocidente ora surge da Porta do Oriente. Teu canto do Ocidente dará a subtil indicação de que Nangombe caminha na direcção correcta. O canto do Oriente indicará que ela se encontra numa pista falsa. Tua toada terá a inconstância das vozes da floresta para que Nangombe possa aguçar ainda mais o ouvido e escolher a direcção dos seus passos, como Kahondjo na pista do grande elefante.

— Oh! que bela coisa! Que magnífica aventura vamos viver agora! E depois? E depois?

— Bom, depois nada. É só isso.

— Ah...

— É preciso que Nangombe saiba encontrar o grande elefante que está escondido na floresta. Nós seremos as árvores da floresta onde ele se esconde, nós seremos o lugar onde ele se abriga das flechas certeiras da minha netinha Nangombe.

— É só isso?

— É só isso.

— Não haverá uma tremenda luta com o grande elefante? Não será necessário que todos os animais da floresta venham em socorro de Nangombe? Não será preciso inventar um engenhoso ardil para enganar o monstro?

— Não haverá nada disso. Para quê? Vós estais em torno da fogueira a jogar o «Hole», apenas isso, e jogar o «Hole» é desfrutar de um pequeno prazer, é dar ao ouvido uma continuada oportunidade de gozo, é fazer coisas belas com o braço estendido, com o ondear do corpo que se move devagar e atento, é também trazer a mente astuta, é ser Moko, a irmã da grande cobra: Para quê, pois, as lutas e os ardis, meus filhos?

— Oh! Não, avô, não gostamos desse jogo. Gostamos de brigar, de enrolar na areia morna os nossos corpos, sim, amamos sobretudo as brincadeiras na areia até mesmo quando fazemos nela o retrato do feroz escorpião ou do tchimpanza, o de um só corno. Também gostamos de montar armadilhas para os pássaros de belas plumagens como as flechas dos melhores caçadores da aldeia.

— Pois sim, meus meninos guerreiros e irrequietos. No entanto eu não desejo contar-vos nenhuma história. Sim, hoje só quero jogar o «Hole» convosco.

— Não gostamos do «Hole». Nenhum de nós tem gosto por essa coisa maçadora para os miúdos. Não queremos jogar o «Hole». Só queremos que nos contes uma das tuas maravilhosas histórias.

— Onde está então o fino gosto que eu disse vós tínhes? Ah, meus netos. Vossos corações impetuosos devem também procurar onde se encontra a harmonia do mundo. O homem não é um perfeito lutador como qualquer carnívoro das matas espinhosas. Bom, ele pode lutar, mas não é esse o objectivo da sua vida.

— Oh, avô. O «Hole» é uma maçada! Não nos obrigue a jogar o «Hole». Não o achamos bonito porque não lhe encontramos onde exprimir o nosso vigor. O sangue corre-nos nas veias com muita força e os nossos braços têm dificuldade em ficar quietos. Como podemos então jogar o «Hole»?

— Bom. Está bem pois. Eu vou contar-vos uma historiazinha, muito pequena.

— Isso! Isso! Conta uma história, ainda que muito pequena.

— É assim: era uma vez um grupo de meninos. Tão belos eram os seus corpos, tão belas as almas, que à sua passagem, os ramos mais altos dos compridos mutiatis da floresta se inclinavam até ao chão em reverência, que os

rios turbulentos que humedecem a mata, calavam-se de súbito quando os meninos lançavam para o ar os seus cantos, que as mais elegantes seixas e punjas das anharas se quedavam imóveis à sua aproximação durante as caçadas até que os meninos tinham de pedir-lhes licença para as matar. Oh, era um grupo de meninos como não conheço outro.

— Hi! Hi! Avô, que engraçado! Éramos nós! éramos nós!

— E os meninos que andavam sempre unidos, que gostavam de enrolar-se na areia em confusas brincadeiras, que faziam as mais belas armadilhas aos pássaros de magnífica plumagem, que quando caminhavam faziam ondular um pouco as suas ancas ainda mal nascidas, oh! esses meninos eram tão belos que Kalunga os reverenciava do céu enviando-lhes chuva quando as lavras começavam a minguar.

— Oh! Oh! éramos nós! éramos nós!

— Não, não eram os meus netinhos. Esses aparecem agora conforme vou contar.

Havia numa tribo vizinha outro grupo de meninos, estes, ignorantes e estúpidos. Eram valentes como todos os grandes guerreiros, mas não sabiam nada a não ser lutar, e não sabiam nenhuma beleza a não ser a do sangue. Quando viam sangue vertido no chão eles ficavam contentes e dançavam de uma maneira deselegante e louca. Suas nádegas andavam de fora dos panos sem que eles se importassem com isso. Seus cabelos não estavam cortados e seus corpos estavam tão sujos de nódoas vermelhas que havia quem os confundisse com morrinhos de salalé.

— Como?! Esses não éramos nós! Nós não somos feios assim!

— Esses eram netinhos de um velho e paciente avô que gostava de lhes ensinar a bela ciência da cortesia, o gosto fino, o gesto bem feito. Mas nada disso eles queriam aprender...

— Ah! que feios meninos! Que feios que eles eram...

— Pois eram. Um dia os meninos feios pegaram nas suas armas de guerra e invadiram a tribo dos meninos belos que a floresta reverenciava. Lutaram facilmente, pois os outros não esperavam aquele ataque e puderam trucidar todos os meninos belos. Então Kalunga, que ficou muito triste, mandou o Kuko perguntar aos vencedores se eles sabiam nadar sobre as águas do rio e eles disseram que não. Depois o Kuko perguntou se eles sabiam cantar, eles disseram que não. Em seguida perguntou se eles se importavam com a beleza da sua pele e eles disseram que não. Finalmente perguntou-lhes se eles sabiam cozinhar a carne, construir as suas casas, inclinar a cabeça ou bater as palmas no acto de cumprimentar e a tudo eles disseram que não. Então Kalunga, enraivecido, mandou ao grande rio que transbordasse as suas águas turbulentas pelo que os meninos tiveram que trepar, e para sempre, às árvores mais compridas; mandou a todos os animais que se negassem a morrer às suas mãos, ao que os meninos tiveram de comer, e para sempre, os frutos silvestres; porque não sabiam cantar, proibiu-os também de falar, porque não faziam caso do seu corpo encheu-os de asquerosos pêlos.

— Oh! Então ficaram macacos! Os travessos macacos que abundam nas copas altas!

— Sim, meus netos, ficaram macacos.

— ...

— Medonhos macacos, comendo frutos e guinchando todo o dia.

— Avô, oh! Avô! Talvez possamos agora jogar o «Hole». Talvez que o «Hole» não seja uma maçada tão grande como pensávamos.

— Ah! Vamos então ao vosso jogo?

— Sim! Sim! Vamos ao nosso jogo. Vamos jogar o «Hole»! Avô, começa tu!

DIÁLOGO DOS BEM CASADOS

— Já apitou, Germano?

— Não, ainda. Bom, Luísa, fala tudo já. O comboio não falta muito vai embora.

— Sim, Germano, mas fala você. Que mais é?

— É... trata bem o nosso miúdo, ouviu?

— Sim, eu trato ele, eu não esquece menino, não esquece com certeza. O miúdo é nosso filho, não é? Por isso eu trato bem, não precisa recomendar. Vá, Dominginho, fala adeus no pai, wé!

— Olá Domingo, wé? Faz boa viagem e toma o juízo heim? A mãe to dá quando você faz asneira. Bom...

— Ah! Germano... agora eu vai embora e você fica!...

— Pois é, eu vou ficar, mas não te importa, Luísa. Depois eu vai também.

— Vai sim! Não demora não. É uma pena assim...

— Está bem. Bom, Luísa, não esquece falar no meu pai de pagar no sapateiro, os meus sapatos que ficou lá no ano passado. Olha aqui: assim eu não pode andar, tá a ver? Você sabe, não é? Não esqueça falar isso, não?

— Está bem, Germano, fica descansadinho que eu não esquece. Mas você não demora muito aqui, ouviste? Olha só: o Domingo já está a chorar com a mágoa no coração. «Lembalaça yomuxima». Coitadinho...

— Coitadinho... diz nele que não chora assim, que o pai vai logo... sim, vai qualquer dia, quando Deus manda.

— Deixa chorar o menino. Chorar é bom... éwé! O comboio vai embora, a máquina já bufou!

— Não vai nada, Luísa! Só bufou, mais nada. Mas fala tudo depressa, ouviu? Tá aí vai embora.

— Pois é. Olha, Germano: todos os dia vai visitar a mana Teresa, está bem? Coitadinha, está tão doentinha.

— Está bem, senhora. É só?

— Sim. E trata o miúdo dela que não têm mais ninguém no mundo. Manda doce para ele. Todos os dias não, que é muito caro, mas todas as semanas não faz mal. Cada mês leva também assim uma coisa qualquer, umas peúga, ou uma coisa assim. Coitadinha a mana Teresa... ouviu, Germano?

— Ouvi. Fico carregado disso, descansa. Eu nunca esquece a família. Olha... Toto wé...

— Hi! Germano! Germano wé! Ai meu Germano...

— Oh! Luísa...

— Toto wé! Germano!

— Suntya! Foi aquele gajo, caramba! Foi ele que me empurrou. Está muita gente hoje na Estação. Tanta gente assim nunca vi! Toto!...

— É mesmo. Tanto barulho, a gente tem que gritar. Eu já pensei que tu vai e não vem mais falar comigo. Olha, Germano, afinal eu ainda quer falar uma coisa a você...

— Fala já então, falta pouco o comboio vai mesmo,

— Bom. Você vai prometer uma coisa a mim, está bem?

— Eu ainda não sei... então como é?

— Mas promete só primeiro, depois é que eu falo.

— Não pode, Luísa, um homem não pode prometer assim à toa.

— Ah... anda lá, promete assim belamente. É por causa do Dominginho.

— Pronto, mulher, está bem.

— Já prometeu?

— Então não ouviste?

— Ah! Sim senhor. Sabe o que é? Bom, você promete não andar com as outras gaja, essas «muiungueira» da Kipata, ouviu?

— Oh! Caramba! Deixa lá isso agora Luísa! Então quando está quase para ir embora começa logo a chatiar com essas manias, não é?

— Promete, meu Germaninho...

— Qual quê! Não chatia, home! Muda lá a conversa!

— ...

— Bom. Está bem.

— Prometeu?

— Sim. Já está. Ficou contente agora?

— ...

— ...

— Gosto quando você está a rir assim para mim. Porque não tira o fotografia? Põe a gravata e o casaco, tira a fotografia assim a rir e manda para Luanda. Assim a rir para mim.

— Pois é. E no fim quem paga é Deus, não é?

— Nada, homem, é só que eu gosto.

— Gosta?

— Eh!... Meu Germano fica hoje... eu vou embora no Luanda e você fica... meu coração está a chorar.

— Não chora mais, Luísa. Não adianta. Olha tem o meu lenço e limpa essa carinha, filha. Olha, canta só, canta aquela cantiga da nossa terra: omuxima wé... omuxima wé pikena...

— Ai, Germano. Não fala essa cantiga senão eu não aguenta. Ai o meu homem coitadinho, vai ficar aqui sòzinho...

— Se não gosta aquela cantiga canta a nossa juventude, o «juventude de Catete»: Doutolo Neto wé, vondali yatumo...»

— Deixa as cantiga, Germano. Eu só quero chorar. Você vai ficar aqui sòzinho...

— Paciência, Luísa, depois eu também vou. Vou no trás de você, faz de conta que vou a perseguir outra vez, como antes da gente manter.

— Por acaso! Mas falta muito tempo, não é?

— Ah! Luísa, você também anda bem, ahn, tá a ouvir? Anda direito.

— Já sabe, Germano, não precisa dizer isso.

— Quando sai toma cuidado com os vadios. Bom. Eh! Agora é que pitou!

— Wé! Vai embora já! A gente já vai! Eh! Germano, já tá a começar!

— Adeus, Luísa! Adeus, Luísa! Boa viagem!

— Adeus, Germano! Não corre assi, vai to cansar! Adeus wé! Adeus...

— Adeus, Luísa... Oh! Adeus, Luísinha. Toma conta no miúdo... Luísinha adeus, té qualquer dia... adeus ADEUS toto é!...

Luanda, em S. Paulo, Agosto de 61

DIÁLOGO DOS HOMENS NA PRAIA

— Oh! Boa tarde aí, pessoal. Então você? Outra vez?

— É verdade, outra vez no mar. A mesma vida de sempre, companheiro.

— Sei muito bem. É exactamente como a minha vida, como uma onda na praia, do mar para a terra, da terra para o mar... algum dia ficaremos de vez ou no mar ou em terra.

— Eu antes quero ficar no mar. Na traineira onde faço todo o meu trabalho. Vocês já viram como ela se move lenta na cabeça da maré? Oh! Aquilo sim, dava um excelente esquife.

— Qual é, Haileka? Como se chama a traineira do teu patrão?

— É a «Nicete».

— Ah! Conheço muita bem.

— Claro que tinhas de conhecer Linguêmbwe. E a tua qual é?

— Oh... a minha é apenas uma enviada. Para ocupar os meus braços chega. Dá-me chatice de sobra.

— Uma enviada, então? Sim, é natural, tu não és nenhum Cuanhama. Certamente és um Ganguela.

— E o que tem uma coisa a ver com a outra..

— Sabes bem que os patrões preferem os Cuanhamas, Linguêmbwe. Nós temos melhor corpo para estes trabalhos

do que vós. Nós atraímos mais peixe, talvez. Há qualquer coisa, enfim... bom, nós somos Cuanhamas, é tudo.

— Hi! Ó gente! Olhai a vaidade do Cuanhama! Amigo Haileka, se és dos Ambós deves conhecer, melhor ainda do que eu, aquele belo canto que a tua gente costuma cantar em lembrança do soba morto:

*«Vós Cuanhamas, sois estúpidos
Abandonastes cobardemente o chefe...»*

— Ah! É claro. Conheço esse canto e acho incrível que tu também o conheças.

— Não é a primeira vez que falo com Cuanhamas, Haileka, e também sucede que aquele soba morto era valente de verdade. Era como se não fosse Cuanhama mas sim de todos os corações de todos os povos.

— Isso é que nunca, homem! Era mesmo Cuanhama!

— Também foi preferido pelos patrões para os trabalhos da traineira? Andou contigo na «Nicete»?

— Ele não. Terias graça se não gracejasses de um morto.

— Gracejo de ti e não do morto. Gracejo da tua... enfim da tua imprudência, digamos.

— Que espécie de imprudência?

— Gabas-te de qualquer coisa que afinal não contém glória. Gabas-te de que os Cuanhamas são preferidos para os trabalhos das traineiras, como se quisesses assim afirmar, que nós os Ganguelas temos menos valor. E qual é o resultado disso, companheiro?

— É fácil de ver. Toda a gente sabe que os Cuanhamas têm mais valor. Algum de vocês duvida?

— E depois, que mais tens para exhibir? Olha aí a tua barriga. Por acaso é ela maior do que a minha? Esse peixe

que vocês, melhor que ninguém, sabem apanhar, cai dentro do teu ventre? Olhando para o teu corpo, dir-se-ia que apenas uma pobre sardinha te nada na pança.

— Qual quê, homem?! Quem se atreve a negar a grandeza do meu povo? Nós somos os reis de Angola, fica sabendo. Os nossos reis são os reis dos vossos reis. Vós sois grossos e curtos como as abelhas, e nós, grandes, elegantes e de picada venenosa, como a vespa. Sim, quando picamos o teu traseiro, não é a tua dignidade que te impede de saltar e de gritar, de levantar a tanga e esfregar a nádega, esteja quem estiver.

— Engraçado isso. No entanto eu gosto mesmo da abelhinha. Ao passo que a vespa... apenas serve para morder.

— Também o Cuanhama serve para morder. Quando o faz ninguém fica tranquilo.

— Sucede o mesmo com o cão e com todos os bichos do mato, os animais que não falam e nem sequer têm pano para cobrir o traseiro mesmo quando não estão mordidos.

— Pois sim, mas todos os povos têm medo dos Cuanhamas, como têm dos animais do mato. Nós somos os do ímpeto terrível da fâisca caída do céu. Nós somos também os da carne suculenta que se come sem reparar. Nós somos os de Haisikoti, a chuva, que empapa as terras sulcadas, regando-as de fecundidade, somos os da fera insaciável que ruge à entrada da chana. Nós somos ainda os do braço longo que agita rápido o ferro da Mupa e somos também os de pés ágeis, que tal como os da grande rã, atiram connosco para a cabeça da presa. Nós somos os do farfalhar do palmeiral da Negiva onde se abriga a fera saciada. À nossa frente, os invejosos espreitam, e atrás de nós gemem os inábeis. Nós somos os da brisa que inclina implacável todos os capins da grande chana.

— E agora sois os que, com uma sardinha a nadar na pança, trabalhais afadigadamente a bordo da «Nicete»...

— É verdade. Somos ainda aquilo que vós continuais a não poder ser, porque fomos os que lançaram já em cada lugar do mundo, a flecha de bela plumagem.

— Sim, vós sois os grandes guerreiros da chana que balança o dorso, como uma velha lamentando-se. Vossa força espanta o mundo da razão e cria em todos os homens a tristeza de ser vosso vizinho.

— Ah! Linguêmbwe! Nós somos os de Nande, o soba inesquecível, que trouxe da Huila as mais belas cabeças de gado. Somos os de Mandume, «*o cavaleiro incomparável a quem se estendem tapetes de couro*». Somos também os de...

— Sois os de Kavongeka, que levou dos Ganguelas as areias do fundo da lagoa das Malobas e os pedaços de rocha que as nossas flechas arrancaram de passagem.

— Ainda que isso seja verdade é uma verdade que nós desconhecemos.

— Haileka, meu amigo. Só tu notas a tua própria nobreza. Vejo a elegância do teu porte como vejo a do corpo da vespa e ainda como vejo a grossura das formas da abelha. Mas não é da vespa que se tira a cera, companheiro.

— Falas de forma mesquinha, Linguembwe. Referes-te à ínfima dimensão de uma bola de cera.

— Bom, vou então falar-te numa linguagem maior. Vou contar-te uma história.

— De abelhas e de vespas, suponho.

— Por que não?

— Seja pois, se isso te dá prazer.

— Tirarei o prazer da cara que fizeres no fim da história. A abelhinha chama-se Mphuka, a vespa chama-se Likangandjamba.

— Belo nome. Parece que esvoaça ondeando.

— Talvez seja isso. Suponhamos que o é. A história é assim: Mphuka e Likangandjamba, foram procurar mulheres e por fim encontraram-nas. Elas chamavam-se Kassongo e Mbakassongo. Quando as viram, acharam-nas belas e então a abelha disse: «Linkangandjamba, peguemos nos nossos quissanges e toquemos para elas, visto que são tão bonitas». «Começa tu, Mphuka», retrucou a vespa, ao que a abelha respondeu: «Não, tu tocas melhor, começa tu, pois». A vespa pegou no seu quissange e começou de facto: «O homem é a força...». Em seguida a abelha cantou por sua vez: «O homem é o coração».

As mulheres gostaram mais da vespa e foi preciso que o pai obrigasse Kassongo a desposar a abelha.

— Tem interesse a tua história, é parecida com a verdade da vida. De facto as mulheres gostam dos Cuanhamas.

— Não me interrompas que estou ansioso por chegar ao fim. No dia seguinte, os dois casais abandonaram a casa do sogro e seguiram os seus caminhos. O caminho da vespa era novo o da abelha era velho e muito trilhado.

Aqueles caminhos levavam às casas delas: a vespa tinha um buraco a fazer de casa, a abelha tinha um rico cortiço. Quando chegaram, a numerosa família de Mphuka, veio recebê-los, ao passo que de casa de Likangandjamba ninguém saiu à rua.

Depois vieram as chuvas e às primeiras gotas, a vespa pôs a mulher na rua alegando que já não tinha espaço. Mbakassongo ficou pois exposta àquela fria humidade. Foi preciso então que Mphuka e Kassongo tivessem dó da cunhada e a fossem buscar. Mphuka apostrofou Likangandjamba, dizendo: «Olha aí. Então tu, se não tinhas casa, por que convidaste uma mulher para ela?» e Likangandjamba respondeu envergonhada: «Levai a Mbakassongo, levai-a para casa dela ou para a vossa casa».

E acabou a história.

— Os brancos costumam corar quando ficam envergonhados, os pretos baixam a cabeça, só os Cuanhamas olham para o lado como tu estás a fazer.

— Sabes muito sobre os Cuanhamas.

— Não admira, Haileka. É que eu também sou Cuanhama e não Ganguela, como supuseste.

— Sim, com certeza que é isso. Se fosses ainda Ganguela, acho que te pediria desculpa. Tenho pena que não sejas Ganguela, irmão.

— Pede-me desculpa do mesmo modo. Sou teu mais velho e acho que te portaste como um mau Cuanhama.

— Portei-me como todos os Cuanhamas. Todos menos tu, está claro.

— Mesmo assim, deves reparar a tua falta para a poderes ensinar a todos os Cuanhamas, a todos menos a mim, é evidente.

— Bom, achas que eu disse mentiras?

— Não, possivelmente não.

— Nesse caso por que me acusas?

— Pergunta à vespa.

DIÁLOGO DOS PASTORES EM TRANSUMÂNCIA

— Ponhamos mais um pedacinho de lenha na fogueira, Tjivandja. Está quase a apagar-se, não vês? Hoje está muito frio, o vento está fresco demais.

— Sim... esta noite faz muito frio e também muito escuro. A escuridão é tremenda aí. Está uma noite boa para os Omakissi. Parece que estou a ouvir os seus gritos na mata.

— Nada disso, homem! Na realidade não há Omakissi. São coisas das histórias para contar aos miúdos e fazê-los astutos e precavidos. São coisas inventadas pelos que conhecem bem o espírito das nossas tradições, os Omakissi, os monstros da floresta... quem pode acreditar nisso?

— Há sim, Kambolo, há os Omakissi na mata. Eles andam aí a estas horas e andam esfomeados, e se apanham alguém...

— Ah! Ah! Ah! Tu crês nos Omakissi! És afinal uma criança também e ninguém o diria olhando para ti. Os Omakissi são coisas da lenda. Isto é, havia-os no tempo dos nossos pais ou dos nossos avós, mas não agora. Isso é absurdo.

— Acho que ainda pode haver alguns, Kambolo. Por que não? No tempo dos nossos avós eles eram tantos que

toda a gente os encontrava, sempre com muita fome. Bastava dar uns passos para fora da aldeia. Era muito perigoso. Os pastores como nós, em transumância, passavam maus bocados porque os Omakissi apareciam com as suas grandes bocas e gostavam mais da carne tenrinha dos pastores do que da do gado. Oh! No tempo dos nossos avós era um perigo.

— Ah! Isso sim! Nesse tempo era um perigo. Bom, mas agora já não há Omakissi, isso é mais que certo.

— Talvez haja ainda algum. Acho que o oiço todas as noites.

— Não há! Não há! Acabaram todos! Digo-te eu!

— Pode ser, mas eu oiço-o todas as noites a rondar o acampamento.

— Não pode, Tjivandja! Não pode ser!

— Bom, está bem. Convenho que não haja. Mas não compreendo então por que olhas tão ansiosamente à tua volta.

— Não é nada... não há Omakissi, companheiro, é só.

— Está bem, está bem.

— ...

— Mas os bois é que ainda há...

— ?

— Sim, os brancos mataram os Omakissi da mata. De-ram cabo do perigo da floresta. Mas os bois ainda há...

— Sim, os bois ainda há...

— Fico triste quando penso nos bois.

— Eu fico alegre. Basta-me pensar nos bois para ficar muito alegre. Ah! E quando o bozinho muge com a sua força de macho? Quanta alegria! Tenho que gritar e acompanhar a voz dele. O meu coração parece que rebenta por estar muito cheio. Os bois, oh! os bois são a minha alegria!

— Eu fico triste, só. Fico muito triste; antes quero não pensar nos bois.

— Não pensar nos bois é uma coisa absurda, meu bom Tjivandja, tão absurda como não pensar nos filhos ou na comida, ou mesmo em nós próprios. Um pastor, um pastor autêntico, assim como Suku o criou, tem que pensar nos bois. É assim mesmo.

— Talvez... é assim, de facto. Mas eu sou um pastor autêntico e não quero pensar nos bois. Fico tão triste quando penso neles...

— Não, tu não és um pastor verdadeiro, senão não ficavas triste, mas sim muito contente.

— ...

— Se fosses um bom pastor como os do tempo dos nossos avós e do tempo dos Omakissi, só vivias por causa dos bois e tinhas que ficar alegre sempre que estivesse a sentir o cheiro deles ou a escutar os seus mugidos.

— ...

— E quando o boizinho cobre a sua vaca! Não pode haver alegria maior. O pastor verdadeiro quase rebenta, quando vê o casamento dos seus bois.

— Sim, quase rebenta, mas eu não posso ver o casamento dos bois, companheiro. É uma coisa que eu nunca mais posso ver, porque agora só tenho um boi, e quando voltar à aldeia atrás da tua boa manada, vou muito triste, com o meu boizinho. No fim do ano tenho que o vender para arranjar mulher.

— Sim, isso é uma verdade. Assim é uma tristeza pensar nos bois.

— É uma grande tristeza, Kambolo.

— Vender um boi é sem dúvida uma coisa medonha. É como ficar sem um pedaço do corpo.

— Pois é. Mas vender o último boi é ficar sem o corpo todo.

— Pois. Os bois só se podem comprar, vender é que não.

— Os meus estão como os Omakissi: vão desaparecer todos. Já não há nem um Likissi na mata, disseste. Pois também não terei nem um boi.

— Bom... eu disse, só por dizer. Pode ser que haja ainda algum likissi.

— Não há, Kambolo, eu sei que não há. Estou triste. Não há nada pior no mundo.

— Acho que só há uma coisa que tem mais valor que os bois..

— Não há nada.

— Há sim. Há as pessoas. As pessoas é que são donas dos bois, portanto valem mais. Os bois nunca podem ser donos das pessoas, não é assim?

— Bom, não é exactamente assim, talvez. Quando uma pessoa já não tem nenhum boi, o que vale ela? Eu, por exemplo: no fim do ano vou ficar sem nenhum valor, porque tenho que vender o meu boizinho, o último. É uma pena...

— É uma pena, sem dúvida...

— Um homem que vai perder o seu último boi, só serve para tocar *mbulumbumba* de forma inigualável, quando a fogueira está assim encarnadinha. É claro, a fogueira também é triste.

— Pois. Para o homem que vai perder o último boi, tudo é muito triste:

— Tudo. Mais triste do que a morte...

— Parece...

— Mais triste do que a morte, porque o homem continua vivo e não tem remédio.

— ...

— Sim, não há remédio, Kambolo, Suku fez as coisas desse modo. Quando voltar à nossa aldeia atrás da tua manada, acho que vou envergonhado, porque não tenho ao

menos um boi para cada mão. Tenho duas mãos para o mesmo animal. Não, não há remédio.

— Pois não há. «Tjahapo tjikola, a fome dos Gambos, também passou» mas deve ser uma mentira o que se diz assim. Realmente não há remédio.

— De certo que não há. O «tjahapo tjikola» é uma mentira. A verdade é que eu só tenho um boi para as duas mãos e tu tens um para cada dedo contando com os dos pés.

— Mesmo assim ainda me sobram bois. Ainda tenho bois que chegam para as mãos e para os pés de outra pessoa. O que não tenho é outra pessoa. Se fosse noutro tempo, talvez no tempo dos Omakissi...

— Claro, tens uma bela manada. Para mim é que não há remédio.

— Se fosse noutro tempo, tu tinhas um remédio. Se fosse noutro tempo, é evidente...

— ?

— Bom, se fosse no tempo dos Omakissi, ficavas meu servo, meu escravo, meu *mupika*, enfim: andavas com os meus bois, os que sobram das minhas mãos e dos meus pés. Assim já não andarias como se estivesses nú, com o rabo de fora, como vais ficar depois de vender o teu último animal.

— Bom, se fosse noutro tempo, podia ser. Tu davas-me uma vaca e eu ficava teu *mupika*. Mas agora seria uma grande vergonha. Agora não se pode porque é feio.

— Sim, claro, agora é feio.

— ...

— Mas ficar sem o boizinho, sem nenhum, nenhum... oh! é mais feio ainda!

— Isso também é verdade.

— Eu dava-te uma vaca boa, tu cobrias a vaca com o teu boizinho e já podias ficar contente ao pensar nos bois.

— De facto, podia ficar contente...

— Podias rir com o cheiro do gado e podias cantar quando os bois mugem.

— Podia cantar, pois é...

— Eras outra vez um pastor autêntico, como os do tempo dos Omakissi.

— É verdade. Era bom isso, assim eu voltaria a ser um pastor autêntico.

— E ao mesmo tempo podias ficar meu mupika. Podes ficar...

— Um pastor autêntico! Ficar contente a pensar nos bois, ver o ventre inchado da minha vaquinha... oh! sentir o cheiro dela ao pé da minha casa! Beber o leite da manhã espremido das suas tetas, o leite a esguichar para dentro do *eholo!*

— Isso! Tal como eu que sou um pastor de verdade!

— Ah! Era bom isso. Entornar o leite na grande cabaça bateadeira fazendo-o passar pelo belo funil comprado aos Kuvales de além montanhas. O leite a fazer gloc-gloc-gloc, na cabaça e no final a manteiga. Oh! Era bom.

— Podes escolher a vaca que quiseres. Eu dou-ta e tu ficas mupika. Dás-me a tua pessoa.

— Tu disseste que uma pessoa vale mais de que um boi.

— Tu não tens bois, por isso vales menos.

— Tenho um.

— Amanhã já não tens nem um. Depois já não vales nada.

— Amanhã já não tenho, sim.

— Se eu te der a vaca, ficas a valer mais.

- Certamente...
- E como és meu mupika entras na aldeia rodeado dos bois. Constróis a tua cubata no meu cercado e os teus bois andam como tu mesmo, no meio dos meus, mas são teus. Isso é o mais importante.
- Sim, isso é o mais importante...
- Amanhã podes escolher a vaca.
- ...
- Amanhã de manhãzinha.
- Não, hoje mesmo, Kambolo. Quero dormir a pensar nos bois, dormir contente. Sim, agora sou um pastor autêntico.
- Bom, Tjivandja, primeiro vai buscar mais lenha para a fogueira.
- Está bem, mas depois vamos ver a minha vaca?
- Sim, depois vamos ver a tua vaca, apesar da escuridão.
- Ah! Estou contente!
- Vai buscar mais lenha. Temos que deitar cedo que amanhã há muito serviço.



DIÁLOGO DOS EMIGRANTES

— Andámos muito hoje, mano. Andámos mais hoje do que em toda a nossa vida. Quando estávamos em casa, nunca andámos tanto. Haka!

— Isso é impressão tua, irmão, ainda só andámos quatro horas, e quatro horas não é nada para dois homens novos de pernas grossas.

— Mas é que está muito calor, e as cigarras também incomodam com o seu canto preguiçoso. A verdade é que estou muito cansado e não é apenas impressão. Estou mais cansado hoje do que no final de todas as outras caminhadas da minha vida.

— Esta é que é talvez a primeira caminhada da vida, mano. Alguma vez emigraste sem ser agora?

— Não, nunca emigrei. Também nunca vi uma seca como a deste ano.

— Exactamente: nenhuma seca atacou a gente como a deste ano. É uma pena olhar para as lavras a arder com febre, ver as casas abandonadas e todas as espécies de parasitas tomando conta do que primeiro foi dos homens.

— Faz muita pena, é verdade.

— As casas abandonadas parecem morros de salalé, vermelhos e quentes, deixados depois das chuvas, quando

a formiguinha ganha as suas asas e se escapa com o vento, tal como os espíritos dos nossos mortos.

— Tal e qual. Como os morros de salalé.

— Tenho pena quando olho as casas assim, mano.

— Eu também. Ainda tenho mais pena do que tu. Eu tinha uma casa linda: fizeram-na a minha mulher principal e a filha que ela deu, e nas paredes deixaram as marcas dos seus dedos como os sulcos da terra lavrada. Debaixo da janela, a filha moldou uns seios pequenos como os dela, tal como se assim a casa ficasse com força para dar leite e amamentar todas as crianças da nossa «lipata». Ah! Era uma casa linda: tinha um alpendre com o «zingundi» de muitos paus, à porta, por causa dos nossos mortos e por cima da porta havia o meu altar. Nas paredes de fora, um rapaz do Bailundo pintou os mais lindos bonecos que alguma vez se pintaram.

— Devia ser uma casa bonita, sim.

— Linda, mano! E não eram só as paredes, o capim da cobertura, o corredor do meio e os altares, que a faziam bonita. Era também tudo o que estava dentro do meu cercado: as duas mulheres, as crianças todas, a filha — já quase para casar — os filhos, rapagões na idade de pegar um boi pelos cornos para o doutor vacinar.

— Estou a ver, quase. Devia ser linda realmente. A minha era uma casa pobre e pequena...

— Todos os anos crescia cada vez mais milho, mais massambala. Também, cada vez, eu tinha mais crianças na minha lipata. O milho aumentava sempre, como se soubesse do aumento das crianças. Naturalmente! As mulheres eram fecundas e melhoravam a fecundidade da terra. É para isso que elas servem, é por isso que elas e não nós, trabalham a terra, fazem o cultivo. Ah! Era uma lavra importante...

— Devia ser, mano. Devia ser importante. A minha não era...

— Oh! Muito! Nem sabes! Quando o milho crescia, as crianças, as mulheres, e até os meus dois garotinhos ficavam toda a noite de atalaia, numa grande algazarra — coisa de se ver! — a enxotar os pássaros, a macacada, as pequenas seixas e todos os incómodos animais do mato. Era um barulho engraçado, como o das grandes batidas ao leão. Sabes, não é?

— Sim, sei muito bem. Acho que devia ser magnífica, a tua lavra e a tua lipata. A minha não. A minha era pequena porque eu só tenho uma mulher, que ainda por cima é estéril. Trabalhávamos os dois. Trabalhávamos muito e no final não colhíamos quase nenhum milho e ainda por cima esse milho era transformado em coisa nenhuma lá na loja. Mas em todo o caso na colheita era bom. Sabes, uma mão cheia de milho é um punhado de alegria mesmo para um «tjikwamanta», um homem do povo, como eu. Não é preciso ser nobre para sentir essa alegria.

— É mesmo. Mas agora acabou-se.

— Acabou-se o milho e a alegria. A seca destruiu tudo.

— A seca destruiu tudo. Fiquei só, e um homem só é como se fosse metade de si mesmo.

— Falas bem. Mas a tua mulher? E as crianças?

— Foram...

— E tu ficaste?

— Eu fui ficando...

— E agora acabou-se. Já não somos agricultores.

— Agora já não somos agricultores

— Já não somos pobres nem ricos...

— Sim, é verdade.

— Já não temos lavras grandes e lindas, nem pequenas e inúteis...

- Tudo isso já acabou, sim.
- Ah! Mano! Afinal é melhor, agora somos iguais!
- Somos iguais. A seca quando dá, dá em toda a gente, não tem consideração por ninguém, não quer saber. A minha lavra era tão bonita que faz pena pensar nela, mas foi a seca que colheu o milho este ano. Nas lavras todas. Até na minha que era tão bonita! E agora não resta nada.
- Resta, mano. Restam as tuas pernas fortes para andar.
- Sim, isso ainda resta, pois agora somos viajantes.
- Resta o teu coração também.
- Sim, mas está cheio de tristeza. Já não somos agricultores, somos viajantes.
- Resta a tua boca para poderes cantar.
- Posso cantar. Isso são coisas que a seca não leva a ninguém.
- Ah! Como é bom quando duas pessoas iguais se encontram, mano!
- Muito bom. Mas era ainda melhor quando eu tinha a minha grande lavra.
- Nessa altura não éramos iguais.
- Éramos iguais. Nossas lavras é que eram diferentes. A minha era grande, grande e linda!
- A minha era pobre e estúpida! Não! Não éramos iguais. Nós somos as nossas lavras.
- Então deixamos de ser Nós porque perdemos as lavras.
- As nossas lavras de hoje são o mundo inteiro.
- Mas não podemos cultivar...
- Podemos cantar.
- O meu coração triste só tem palavras tristes. Podemos cantar sim, um canto desesperado, o dos que perderam toda a sua força. Assim:

«*Kuhongela kovindele*
Kotulimi...»
(Ficamos com os brancos
Já não cultivamos)

— Choras as tuas grandes lavras, mano, e és tolo. Os que perderam a força das lavras ganharam toda a força do mundo e também a força de ganhar novamente a força das lavras. Quando a seca passar eu voltarei e arranjarei de novo uma pequena lavra e não terei perdido nada, porque era muito pouco o que eu tinha. É por isso que eu canto somente assim:

«*Tuwaile twende we!*
Ombela yapita
Vimbanda vyange!»
(Vamos andando pois!
A chuva partiu
Ó meus quimbandas!)

Vamos, mano, cantemos a duas vezes!
— Sim, cantemos a duas vezes...



DIÁLOGO NA RUA ESCURA

— Vês aquela rua escura?

— Vejo, mano, também isso eu vejo. O que tem ela?

— Vês-lhe as casas baixinhas e vermelhas, um pouco terrosas, exalando cansaço, como se suassem? E as poças de lama a barrarem o caminho? Um cheiro muito grosso e pestilento?...

— Exactamente, vejo isso tudo e preferia não ver.

— Subindo, subindo, sempre a direito, até àquela cinta branca que esconde o cabeça do morro?

— É isso mesmo, vejo muito bem. A cinta branca poder-se-ia dizer que é bonita como... como o Sol da tarde.

— Vês bem, não é verdade?...

— Vejo, mano, vejo muito bem.

— E vês duas crianças de rabo nú, sentado na lama? E vês a maneira simiesca como elas choram?

— Sim, vejo e oiço. São como dois pequenos babuínos. São exactamente isso...

— E mais adiante, quase ao fundo da rua, não vês a porta escancarada da taberna do Germano, e um homem bêbado encostado à ombreira, sem coragem para sair daquele aconchego?

— Estou a vê-lo, estou. Como é doloroso...

— Ah... estás a vê-lo, pois. Sim, é doloroso.

— Vejo-o muito bem, mano. E vejo também pegadas marcadas na lama, marcadas com muita força e sinto um cheiro, um cheiro encorpado como se houvesse lodo, por aqui.

— Sim é isso: como se houvesse lodo...

— Como se alguém caminhasse sobre o lodo transportando o pesado féretro de uma criatura ainda jovem. Mas espera, oiço também um ruído murmurejante, como se alguém estivesse a urinar aqui perto, para dentro numa poça amornada.

— Tudo isto é uma poça amornada. Amornada por um calor humano.

— E agora oiço ainda a voz de uma mulher que descompõe alguém, um vizinho talvez. Hi! Jesus! O que ela diz!

— O que diz ela?

— Não posso repetir, mano. Faz aflição...

— Oh! Já sei o que é.

— Esqueçamos isso!

— Olha, mano, talvez ainda não tenhas visto, pelo menos reparado com a maior atenção naquele ponto, além, lá mesmo no final da rua, exactamente naquele lugar onde parece que se unem as casas do lado direito com as do lado esquerdo...

— Estou a olhar, mas não veja nada aí.

— Ah! Não vês nada... não, ali não há nada. É apenas o fim da rua.

— Para que me mandaste olhar?

— Não sei... Para veres que ali não há nada, só. É apenas o final da rua.

— Isso é engraçado.

— Não tem graça nenhuma. É uma tragédia.

— Pois eu acho engraçado. Gostaria que mandasses olhar para mais outros lugares que não tenham nada, tal como este.

— Não sejas estúpido, mano. Nesta rua não há nenhuma coisa que possa ser engraçada. É tudo porco, fedorento, repugnante, alucinante, histérico, alcoólico, lodoso...

— É lá, mano!

— É assim mesmo e ainda não disse todos os adjetivos que aqui estou a aprender. Olha: nestas casas essencialmente iguais umas às outras não mora ninguém, nem há para elas um presente tido e contido na potencialidade dos seus muros. Há-lhes apenas o distante passado, sobrevivências formais de um calor de humano. Sim, há-lhes uma nova concepção de humanidade. Paus-a-pique, rebocos de barro, esculturas abstractas de um escultor insensato, vazios de silêncio, repletos de passado, olhos enormes, nos sombrios vazios dos seus interiores... que sei eu mais?...

— Estão todas vazias as casas de barro?

— Não. Estão cheias, estão a abarrotar.

— Como então?

— É assim só...

— Que rua estranha. Dir-se-ia tão pesada como um cadáver abandonado na areia. O ar não corre. Parece que empoçou em modorra quizilenta tal como a lama, tal como o lodo. Parece que ninguém respira este ar como se receasse as suas emanações venenosas.

— Oh! Não! Isso não é verdade! O ar é a única coisa que conserva todos os atributos, é um ar livre, como outro ar qualquer da beira mar, ou como o que circula lá em baixo na cidade. Dir-se-ia que o ar conserva a continência do passado e que pode fazer gerar dele o futuro. É um ar belo, é um ar esperança...

— Enganei-me, então. Julguei que fosse um ar pútrido.

— Não é pútrido. Pútrido é o que apodrece, e se torna ofensivo. O ar desta rua é o adubo do futuro. Faz a rua bela.

— Bom, realmente a rua é bonita.

— Pois é. Muito bonita. Como a tristeza, por exemplo.

— Oh! A tristeza não é bonita. É apenas triste. Esta rua é bonita.

— O cemitério é triste e também é bonito.

— Mas não é como esta rua.

— O cipreste é muito triste e muito bonito.

— Mas esta rua é bonita sem ser como o cipreste.

— Sim, é talvez bonita como o passado dela própria.

— Como é então o passado da Rua?

— Talvez como o do mercado na segunda-feira.

— Nunca vi nenhum mercado na segunda-feira. Só o vi aos Domingos.

— Justamente porque à segunda-feira, o mercado está fechado. Está contido.

— Ao Domingo sim, é notável. Quando toda a gente grita e discute. Quando a lama suja as carretas de madeira e os vestidos pretos das donas, quando os cheiros típicos do peixe putrefacto e de couves desprezadas...

— É isso. É como o passado desta rua.

— Ah! Então aquela cinta branca, bela como um Sol da tarde, é o muro do mercado?

— Não. É o muro do cemitério.

— Ah...

— Sim.

— E afinal como se chama a tua rua?

— Chama-se: Rua do passado.

— Que nome idiota, mano!

— Seja idiota. Estou a poupar-te. Poderia dar-lhe um nome relativo ao agora desta rua e então seria pior, muito pior.

— Mesmo assim preferia sabê-lo. O nome que deste conduz-me os olhos fatalmente para a cinta branca do cemitério. É para lá que a rua caminha e o cemitério é sem dúvida a casa do passado. As casas de pau a pique e reboco de barro, inclinadas sobre a lama da rua, exprimem longamente, com grande esforço, um reforço de dor, activo, activo como as coisas do presente. Diz-me o outro nome.

— Está bem então. Rua da Morte.

— Ah! Vamos embora, mano. Vamos embora, mano.

— Não. Fiquemos ainda.

— Ficamos assim a olhar para o final da rua?

— O final da rua já passou. Foi um momento apenas, questão de horas. Ficou no fim do passado e repousa para além da cinta branca como um Sol da tarde. Paira, repousada da lama, do lodo, integrado na sua própria história, entregue à plástica dos ciprestes agudos e negros que balançam como velhas bruxas.

— Mas eu quero ir-me embora. Não gosto da morte.

— Eu quero ficar, quero olhar para o cemitério, quero vencê-lo pela contemplação, quero apreendê-lo, tê-lo e devolvê-lo.

— Vamos embora. Vamos para uma rua que tenha um bom presente.

— Não. Fiquemos aqui a olhar. Não vês como é bonita a rua do passado? De resto não há nenhuma rua agora que tenha um bom presente. Todas elas herdaram um miligrama de horror atirado pela ondulação daqueles ciprestes. Elas desfizeram o presente desta rua, porque lhe quiseram os retalhos.

— Vou-me embora.

— Vai então. Eu vou pela rua fora, vou beber um copo à taberna do Germano — o vinho tem agora um sabor muito activo. — Depois vou até ao cemitério.

- Oh! Adeus! Não gosto da morte nem do cemitério...
- Nem do Sol da tarde, nem das bruxas ondulantes.
- Sim, nada disso. Adeus e até quando?
- Não sei. Até quando vieres à taberna do Germano.
- Não bebo vinho.
- Não é preciso que bebas, basta que venhas.
- Não irei. Não quero nada com a morte e com todo o seu reino misterioso. Quero viver a minha própria paz deitado na areia da beira-mar. Quero ouvir o marejar das ondas enrolando poesia, como o Sol enrola o meu lazer na praia inclinada.
- Nesse caso adeus. Encontrar-nos-emos mais tarde, ainda assim.
- Mais tarde sim. Aonde?
- No cemitério...

FIM